Torres Feijó, Elias J. (2008): "Rómulo de Carvalho e a ciência e os estudos da literatura e da cultura". In Célia Vieira e Isabel Rio Novo (orgs.), Actas do Colóquio Internacional António Gedeão & Rómulo de Carvalho: novos poemas para o homem novo. Avioso S. Pedro: ISMAI, D.L.; pp. 65-72.

RÓMULO DE CARVALHO E A CIÊNCIA E OS ESTUDOS DA LITERATURA E DA CULTURA

ELIAS TORRES FEIJÓ[1]

Rómulo de Carvalho/António Gedeão pertence a umha geraçom realmente extraordinária e alimentada na 2.ª e 3.ª década do século passado, onde a paixom polo saber, o desenvolvimento e o conhecimento forom para as nossas sociedades fundamentais e tiverom pessoas fundamentais como estas que aqui refiro. Rómulo de Carvalho nom só era um homem moderno, a começar pola "Pedra Filosofal" que fizo ter esperança a tantos portugueses e nom poucos galegos (na altura Manuel Freire era umha pessoa com algum vínculo, na década de 70, ao movimento estudantil, particularmente santiaguês e galego), esperança num futuro melhor.

Vou tratar brevemente de ciência, vou tratar de Literatura e de Cultura dumha maneira rápida, sem obviamente demorar nos diferentes pormenores. E quero afirmar, de início, que ele é, certamente, um ilustrado. Este é para mim o pórtico fundamental para entender a obra e a perspectiva de Rómulo de Carvalho na sua *História do Ensino*, no seu *Texto Poético como Documento Social*, na sua análise da Ciência e da *Física Experimental no Século XVIII* em Portugal, mas também de António Gedeão, na poética de António Gedeão, onde se verá sobretudo a ideia de um ilustrado. Nom só um ilustrado na atitude mais corrente de ser umha pessoa que sabe muito ou que lê muito, que com certeza assim foi, mas sobretudo por umha atitude mental, física e umha disposiçom para o conhecimento que bebem nas fontes da Ilustraçom portuguesa e, em geral, da sociedade europeia do século XVIII. Se algum dia alguém fizer a comparaçom da poética de António Gedeão, verá que ela, a quem realmente se parece é à de Nicolau Tolentino, à de Filinto Elísio ou até de Bocage, para citar alguns nomes.

Rómulo de Carvalho é um ilustrado que nutre, sobretudo, as suas ideias na visom e crença no progresso humano. Toda a sua obra é a crença no progresso humano, na possibilidade de que ele é possível ser alcançado, de que é possível melhorar as condições de vida das pessoas e, como vírom, também num texto aí testemunhado, escreveu mesmo poesia para ajudar a compreender essas tentativas. Nessa crença no progresso humano, e quando ele se refere ao sentimento científico de Bocage, ao próprio Bocage, diz (1965:180) que o poeta entendeu "o valor do progresso humano fomentado pelas ciências e pelas técnicas. Entendeu claramente qual era o papel do homem da ciência na história do seu tempo, e o lugar que estava reservado no mundo presente e futuro". Fala da consciência social de Bocage, a mesma que ele tinha, sem dúvida, e da consciência do progresso, que o conduz a

[1] Grupo GALABRA. Universidade de Santiago de Compostela.

sobrevalorizar, nada *chauvinistamente*, a façanha do aeronauta Lunardi em relaçom aos Descobrimentos portugueses (1965:189) no seu *Elogio Poetico á admiravel intrepidez com que em Domingo 24 de Agosto de 1794, subio o Capitão Lunardi no balão aerostatico, que, em folha solta, saiu nesse mesmo ano da Oficina de* Simão Thaddeo Ferreira, dizendo, e cita os versos de Bocage, "o triunfo maior devia ter mais glória / porque não traz a louca a cega gente / os males de que sois causa inocente", isto referindo-se aos "Gamas, Colombos, Magalhães famosos".

Esta perspectiva da *História de Portugal*: balanço científico e de consideraçom daqueles que trabalham para melhorar as condições de vida, é a mesma a que me referia a respeito de Bocage, pórtico, como dizia, de um ilustrado e do crente no progresso humano. Por trás destas palavras está precisamente um contencioso com Teófilo Braga, o grande arquitecto de umha mentalidade a que se opom Rómulo de Carvalho, por mais do que se poda pensar do Positivismo de Teófilo Braga.

Esta crença no progresso humano e esta atitude ilustrada implica, portanto, a análise e os instrumentos para esse avanço social do conhecimento e o melhoramento das condições de vida. A sua é, e pretende ser, umha perspectiva científica de conhecimento da realidade e de proveito que daí pode ser tirado para esse progresso humano.

Quando se fala em Ciência da Literatura e em Ciência da Cultura, normalmente fala-se em termos das possibilidades de existência dumha Ciência da Literatura ou dumha Ciência da Cultura. E observe-se como focar estes dous conceitos: Ciência da Cultura e Ciência da Literatura possivelmente as impressões que nós tenhamos são diversas tratando-se dumha mesma atitude. Diversas porque Ciência da Literatura pareceria remeter para umha perspectiva imanente ou irredutível a qualquer outra consideraçom científica, visando mais, por sua vez, a expressom "ciência da cultura" umha focagem de corte metodológico, sociológico; ou quiçá pode alertar-nos para umha série de contradições, de *décalages* importantes sobre esta perspectiva. Naturalmente o que está em jogo aqui é precisamente o papel da Literatura e o seu estudo na construçom do Estado, desde o século XIX, e em que a literatura era parte fundamental na construçom identitária e na vertebraçom da comunidade, transmitindo ideias, valores, modelos, normas, através da Escola e do ensino oficial. Daí que a denominada Ciência da Literatura nom passasse de ser muitas vezes umha paráfrase inútil ou um exercício imanentista que tinha um espaço alargado para o seu desenvolvimento, porque o principal serviço que prestava era a sua pura existência, nom o desvendamento dos processos transmitidos pola instituiçom. Daí que, hoje, e perante a menor rendibilidade para o Estado do estudo literário para a construçom nacional, apareça a actual desorientaçom que existe nos estudos literários e culturais em geral, nas Ciências Humanas.

Ora bem, contra esse preconceito acientífico, ou contra o complexo que essa Ciência da Literatura e da Cultura pode ter em relaçom às outras ciências, é preciso que os investigadores, especialistas, as pessoas que a elas se dedicam, desenvolvam umha série de objectivos a atingir e umha série de métodos para os conseguir. A responsabilidade social dos objectivos do investigador em Ciência da Literatura

é fundamental (entre outras cousas porque nos pagam por isso), e aqui a questom fundamental está na construçom do objecto de estudo. Isto daria obviamente para falar de muita cousa. Precisamente esta responsabilidade social de que falo e esta construçom do objecto de estudo, dum ponto de vista científico, portanto, rigoroso, submetido a leis, a verificaçom, a objectivos e a conclusões e resultados estám em Rómulo de Carvalho: nas suas reflexões existem as bases fundamentais para desenvolver um plano de trabalho dumha Ciência da Literatura e da Cultura.

Nas palavras prévias, no seu *Texto poético como documento social*, diz (1995:VII):

> Seleccionámos para este estudo algumas dezenas de textos poéticos ao longo de toda a nossa História desde as cantigas dos Cancioneiros galego-portugueses até quase aos dias que decorrem, todos sujeitos ao mesmo propósito de com eles ilustrar a atenção que os poetas prestaram às suas realidades exteriores legando-nos trechos, em muitos casos completamente esquecidos pelo seu fraco valor literário mas de acentuado valor histórico, o que nos fez considerá-los documentos sociais. Sem dúvida, pensamos nós, que qualquer texto poético constitui um documento social na medida em que o assunto de que trata, os termos em que é redigido, a escolha dos vocábulos que utiliza, a sua ordenação formal, o seu ritmo ou falta dele, a sua intencionalidade, tudo são sinais definidores de uma sociedade determinada. Quando um poeta recorda a sua amada chamando-lhe alma minha gentil está definindo a sociedade em que vive, a tal ponto que, se alguém hoje assim se exprimisse, dir-se-ia, sem hesitação, que estava fora do seu tempo. O nosso propósito não é tão alargado. Ele é apenas o de seleccionar os textos poéticos que nos fornecem dados tão concretos sobre a observação das pessoas e dos acontecimentos que decorrem no tempo do poeta que os relata que a presente obra poderá ser considerada não só como um contributo para a nossa história literária, mas também como elemento de estudo para a História de Portugal.

A perspectiva veiculada por estas palavras, com umha precisom extraordinária no que significa, em termos mais "modernos", o repertório com que se constroem as ideias que se transmitem através da Literatura e da Cultura, som precisamente a base de umha das teorias fundamentais que hoje existem na análise da Ciência da Literatura e da Cultura, que é a teoria dos polissistemas do Professor Itamar Even-Zohar (2005). E aponta-se aqui mesmo para critérios de análise sociológica: diz nesse mesmo texto falando do termo *ad quem* da sua obra, "O 25 de Abril" (1995:VIII):

> Ao desabafo [do 25 de Abril], seguiu-se o alheamento. Pela primeira vez na sua história, os poetas enquanto tal parecem alheados dos problemas sociais. Caberá aos sociólogos darem interpretação a tão estranho acontecimento.

É a crença nesse progresso e a crença na necessidade desse progresso, o que o conduz, precisamente na *História do Ensino em Portugal*, e também nas palavras do prólogo, a ele mesmo, depois desse monumental estudo, a esperar, a desejar, que outros venham e podam melhorá-lo (1996:9):

> Aqui fica pois delineado o caminho da actividade pedagógica portuguesa no decurso dos séculos, nas suas coordenadas mais representativas. Resta-nos desejar que outros estudiosos com mais preparação, mais destreza e maior proveito se sintam estimulados a percorrer de novo.

Esta é a atitude precisamente de um ilustrado. Por isso, entre os parámetros fundamentais, basilares, da obra de Rómulo de Carvalho, estám alguns dos pontos que passo a enunciar:

O primeiro, um profundo anti-Romantismo. Falando muito particularmente da Época Medieval, das canções medievais galego-português, diz (1995:16): "A despeito da visão que a literatura romântica nos preparou para imaginarmos os batalhadores medievais como figuras incorruptíveis, de grandeza sobre-humana, a verdade é que sem menosprezo pelas excepções, só ia ao Maio [ataques indiscriminados em terra fronteiriça contra os mouros] quem não podia furtar-se a isso": ir ao Maio era fazer guerra quando o rei mandava, nalguns períodos do ano.

Esta concepçom que está aqui, que depois vamos repetir mais tarde, é também fundamental para entender este pensamento de Rómulo de Carvalho. A ideia, romántica, da grande aliança por parte do Estado e do campo literário e do ensino da literatura, de desenhar a consideraçom da literatura como umha espécie de história épica, identitária da própria naçom, onde normalmente a naçom nom está. "Na verdade", diz no mesmo *Texto Poético* (1995:21):

> Sem a leitura dos Cancioneiros galego-portugueses, não pode o historiador ter ideia correcta do homem peninsular dos séculos XIII e XIV. A história romântica legou-nos uma imagem muito falsa dessa humanidade irrequieta, apenas com laivos de alguma verdade em casos excepcionais. Quem visionaria figuras respeitáveis, reis como Afonso X de Leão e Castela ou Dinis de Portugal, infantes como Afonso Sanches ou D. Pedro, que foi Conde de Barcelos, interessados na vida particular, até doméstica, dos outros, colaborando em situações ridículas, proporcionando, pelo seu trato conivente, abusos de confiança verdadeiramente surpreendentes, despojados de toda aquela dignidade com que estamos habituados a imaginar tais figuras?

Até quando começa o texto sobre o sentimento científico de Bocage (1965:179), em que ele quer mostrar a sua emoçom, observe-se como, nesse pequeno pormenor da mostra da sua emoçom, nom quer ser identificado com o Romantismo. "Não direi", diz, "à maneira dos românticos, que as lágrimas lhe rolaram pelas faces, a quatro e quatro, grossas como punhos, mas devo dizer que em repetidos momentos os olhos se me embaciaram". Esta atitude anti-romántica, conseqüentemente ilustrada, é fundamental para entender o pensamento de Rómulo de Carvalho, e daí para entender as possibilidades dum plano da Ciência da Literatura e da Cultura. Mesmo tem, como tivem oportunidade de comentar-lhes, nom apenas extraordinárias concomitáncias com as teorias dos polissistemas mas igualmente com outra importante teoria de análise sociológica, como é o campo literário e cultural de Pierre Bourdieu (por exemplo, 1992 ou 1997), particularmente; digo

isto aludindo ao conceito do campo literário como campo de lutas e como campo de forças, e na consideraçom das trajectórias sociais e do *habitus:* enfim, *habitus* é um conceito que pretende focar a trajectória das pessoas em funçom do estado do campo, isto é, das circunstáncias da sua própria formaçom e das escolhas que vai fazendo; e as suas aproximações estám, também, perto das teorias e metodologia de um seu contemporáneo, Norbert Elias (2001), que as elaborou e aplicou, precisamente, ao estudo do século XVIII.

Repare-se na seguinte frase, só para resumir esta ideia, presente também no seu livro *O Texto Poético como Documento Social*, referindo-se a esquemas rimáticos medievais (1995:51): "Mais do que recolher a impressão resultante da leitura, nos importa, porém, neste estudo, considerar a sujeição do homem a moldes tão apertados e a sua disposição para os aceitar."

Um terceiro elemento fundamental em Rómulo de Carvalho, do meu ponto de vista, é o atendimento às condições de produçom. Só é possível desenvolver umha Ciência de Literatura na construçom de um objecto de estudo que nos elucide sobre um fenómeno cultural qualquer, entendendo as condições em que ele se produz. Referindo aos séculos XVII e XVIII, e também no *Texto Poético* (1995:193), diz:

> Torna-se facilmente compreensível a situação de escândalo em que decorriam as relações entre homens e mulheres comprometidos na vida religiosa se encararmos o meio social não nesse aspecto religioso mas no seu aspecto económico. Por muito que se queira embelezar a conduta dos seres humanos, atribuindo-lhes intenções sublimes, não é possível, ou muito raramente será possível, libertá-las dos imperativos económicos.

E, no livro dedicado ao ensino em Portugal, afirma (1996:8):

> Interessa-nos fundamentalmente os factos, o que se fez e o que ficou por fazer, enquadrando-os, como seria indispensável, na respectiva conjuntura temporal, de modo a entender-se o porquê da sua realização do projecto, dando sempre relevo às atitudes mentais dos responsáveis para chegar a compreender a sua, por vezes, surpreendente, inoperância.

E diz, mesmo na continuaçom: "o que não há dúvida, é que a história do ensino de uma nação, é um capítulo da sua história política".

Um outro elemento, quarto, também do meu ponto de vista fundamental, é a necessidade da historificaçom do objecto, no atendimento às coordenadas espácio--temporais, às condições históricas, sociológicas, económicas, políticas, culturais, etc, em que se produzem os fenómenos e o alerta para as recepções hetero-temporais ou hetero-espaciais, fora do tempo ou fora do espaço, em que se produzem. Um exemplo, também tirado do *Texto Poético* neste caso (1995:26):

> Os exemplos apresentados até aqui fornecem-nos dados para um primeiro esboço do estilo de vida de uma parte da sociedade portuguesa dos séculos XIII e XIV. Certamente que esse estilo não surpreende e, se por um lado, faz sorrir o aspecto insólito das situações

retratadas, por outro lado, acodem-nos a nós, homens de hoje, sentimentos de censura, repúdio e de condenação contra essa mesma sociedade. Convém, entretanto, imaginarmos o que poderia ter sido a vida quotidiana da gente dessa época".

Alerta sistematicamente na sua obra contra a projecçom do presente e dos valores do presente, no passado e na construçom do objecto de estudo que deve estar nua e despida precisamente dessa projecçom. Mesmo em questões complicadas para a história da naçom, como por exemplo, a situaçom lingüística da época dos Filipes.

Dizia antes que ele tem um particular contencioso, um antigo preito com Teófilo Braga. Nom era de estranhar. Teófilo Braga, como arquitecto da visom portuguesa sobre a literatura, ainda hoje deve bastante o ensino português às construções de Teófilo Braga – para bem ou, é a minha opiniom, neste caso mais para mal. Ele foi arquitecto do novo ensino português, a partir do último quartel do século XIX, como sabem. Nessa altura, ele publica um livro sobre Bocage e a sua época literária (1876), em que julga Bocage, e qualquer outro poeta português do século XVIII, inferior, sendo que considera que, se a época é má, de degenerescência ou decadência (como ele pensa) nom pode haver bons poetas, reflexom obviamente derivada do seu positivismo. Teófilo, dentro da sua elaboraçom da construçom política da naçom, considera o século XVI e o século XVII como os grandes séculos da História de Portugal. E, esmaga, estrangula aí o século XVIII, porque nom convém aos seus objectivos políticos (cfr. Torres Feijó, 2007).

Dizia Rómulo de Carvalho sobre Teófilo Braga (1965:180: é esta a raiz que Rómulo de Carvalho soubo precisamente dar ao sentimento científico de Bocage): "[Teófilo] não admitia que o ensino depois do desaparecimento de Pombal [o grande referente utilizado polos republicanos socialistas portugueses, como sabem, na década de 70 do século – XIX e por aí fora] da cena política pudesse servir para alguma coisa, nem mesmo quando ministrado a educandos da craveira de Bocage". E critica assim Teófilo: "Teófilo considera legítimo admitir que Bocage ficou aleijado intelectualmente para a toda a vida em consequência do latim que recebeu". E mesmo censurando o tipo de análise dessa projecçom que Teófilo faz do presente sobre o passado para seu próprio interesse na análise de poemas de Bocage, diz, referindo-se a este poema "Achando-se avassalado pela formosura de Jónia" (1965:183):

"Apressadamente Teófilo vê, no soneto, 'um contraste entre os problemas das ciências naturais que ele [Bocage] esquece por causa do seu amor'." "Incontestàvelmente", diz Rómulo de Carvalho, "segundo me parece, o soneto faz o contraste entre o valor da ciência e a cegueira dos que se deixam absorver por imperativos dos sentimentos amorosos", o que é aliás umha declaraçom ilustrada digna de estar com moldura de ouro nesta análise. Teófilo obviamente nom queria ver o ilustrado e na ilustraçom o grande avanço da humanidade.

Citei teóricos como Pierre Bourdieu ou Itamar Even-Zohar, hoje em muitos ámbitos fundamentais para análise dumha Ciência de Literatura e de Cultura. E

realmente tenhem muito a ver com essas faces situadas por Rómulo de Carvalho, até o extremo de que, mesmo a *História do Ensino em Portugal* tem umha perspectiva que hoje diríamos sistémica, e polissistémica, do ponto de vista de Itamar Even--Zohar, realmente importante.

E o último elemento fundamental a que Rómulo de Carvalho dedica muita atençom, e fá-lo com umha consciência clara de pedagogo e também por vezes ensinante, que em minha opiniom é também fundamental para esse plano da ciência da cultura, é o papel da Escola. O papel da Escola como educadora em valores, em determinados valores, projectados e transmitidos através da literatura, com umha atribuiçom a esta de um *locus* privilegiado e de umha espécie de carácter sublime e irredutível, impossível de ser alcançado e, por isso, facilmente manipulável na interpretaçom de quem tem poder para canalizar os seus objectivos.

Ele combate a construçom épica e enganosa da História da Literatura e da Cultura. Combate-a sistematicamente. Diz no *Texto Poético* outra vez (1995:19), "não se encontram em todas estas sátiras a apreciações de situações gerais, mas críticas directas a pessoas num desafio de competências procurando cada um valorizar-se à custa do aviltamento dos outros. Naturalmente havia quem receasse a defrontação no campo de batalha e havia quem se batesse galhardamente. Dos primeiros falam as sátiras; dos segundos as selectas escolares".

Sem dúvida, diz noutra passagem, que (1995:44):

> Onde o poeta se sentiria realizado, na pujança da sua pessoa, era na cantiga maldizente [as cantigas de escárnio e maldizer]. Aí não havia modelos literários a seguir, o poeta desabrochava esplendidamente a sua verve criadora, e é, sem dúvida, nas cantigas de escárneo e de maldizer que o homem se apresenta conforme era, gozador, irreverente, desrespeitador, embora se teime, em livros escolares e noutros escritos, em divulgar uma imagem do poeta medieval fundada no artifício das cantigas de amor, dedilhando o citolão, sinceramente apaixonado.

Com respeito aos séculos XV e XVI afirma (1995:69):

> A desenvoltura de atitudes e expressões (...) [dos poetas do século XVI] surpreendem quem tenha sido educado na leitura de compêndios escolares e de romances de capa e espada em que se visionam os homens dos séculos XV e XVI, como modelos de galantaria (...). As más criações e grossarias, essas seriam comuns na plebe, gente sem polimento social, mas nunca entre a nobreza." "Os documentos – diz – discordam de tal imagem."

Essa ausência de construçom épica, de serviço conseqüente ao Estado e à sua construçom através da escola, dumha construçom falsa e vinculada por exigência aos objectivos dessa construçom, é fulcral na obra de Rómulo de Carvalho. A ausência de qualquer perspectiva, digamos, pseudo-nacionalista, mesmo é alargada ao caso de Camões quando realiza os seus *Lusíadas*, onde ele, Rómulo de Carvalho, nom constrói umha narrativa épica sobre a epopeia do poeta.

Nom quer ser esta umha hagiografia de Rómulo de Carvalho. Nom concordo com várias cousas do seu trabalho: o seu subjectivismo, em boa medida devido à carência de instrumentos metodológicos objectiváveis, que na altura nom havia, ou como ele mesmo diz, da impossibilidade de atendimento a todas as necessidades de análise dos fenómenos que estuda, como ele mesmo, como muito bom ilustrado, reconhece.

Ora o seu legado, em minha opiniom, e o seu magistério, som e devem ser incontornáveis para aquele que queira assumir precisamente os objectivos que ele tracejou e para os que tanto trabalhou na história do pensamento e da análise científica da cultura em Portugal. A de umha ciência que, como tal, se constitua como socialmente útil, sem medo, com a necessária autonomia do campo do poder e dos seus instrumentos, e visando o progresso e as liberdades humanas. E tudo isto entendo que está na obra de António Gedeão e particularmente, na obra de Rómulo de Carvalho.

Bibliografia citada

BRAGA, Teophilo (1876). *Bocage: sua vida e epoca litteraria*, Porto: Imprensa Portuguesa.

BOURDIEU, Pierre (1992). *Les Règles de l'Art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Éditions du Seuil.

BOURDIEU, Pierre (1997). *Méditations pascaliennes*. Paris: Editions du Seuil.

ELIAS, Norbert (2001). *A sociedade de corte: Investigaçäo sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

EVEN-ZOHAR, Itamar (2005). *Papers in Culture Research*. Acessível em http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/EZ-CR-2005.pdf

Torres Feijó, Elias J. (2007). "Já Camões não sou! A impossibilidade de centralidade para Bocage no campo literário no século XIX", in *Leituras de Bocage*, M. Luísa Malato Borralho (ed.). Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Serviço de Publicações.

OBRAS CITADAS DE RÓMULO DE CARVALHO / ANTÓNIO GEDEÃO

CARVALHO, Rómulo de (1996). *História do ensino em Portugal: desde a fundaçäo da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano*. 2.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CARVALHO, Rómulo de (1995). *O Texto poético como documento social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CARVALHO, Rómulo de (1982). *A Física experimental em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Lingua Portuguesa.

GEDEÃO, António (1965). "O sentimento científico em Bocage", *Ocidente*, vol. LXIX, 177-192.